

Richa alerta para o desgaste

por Valério Fabris
de Brasília

Os políticos e o PMDB estão desgastados. É o que pensa o senador José Richa, ex-governador do Paraná. Para ele a natureza da crise do PMDB está no seu comando nacional. Richa condenou, em entrevista a este jornal, o que considera como o poder excessivamente centralizador do presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães (SP).

Richa ressalva que não está, assim, pregando a renúncia de Ulysses Guimarães do comando do partido. "Não é essa a questão que se coloca. Não havia nem há, neste instante, ninguém mais competente do que ele para conduzir o PMDB." O ex-governador paranaense, todavia, acha que é preciso dividir responsabilidades, delegando-se tarefas.

MOMENTO DE RECICLAGEM

Se entre Ulysses e o Poder Executivo há um fluxo de consultas e respostas, pondera José Richa, o PMDB dele não toma conhecimento. "Devemos trabalhar em colegiado. A presidência de um partido não pode ser exercida de forma isolada e solitária", queixa-se. É chegado o momento de reciclagem, como sugere o senador paranaense.

"É hora de alinhar conquistas de mais de vinte anos", exortou Richa ao sublinhar que o PMDB é um partido do governo, com ministros por ele indicados, com 256 deputados federais, 46 senadores, 22 governadores e com a maioria dos prefeitos, das cadeiras nas câmaras Municipais e Assembléias Legislativas, além de "milhões de militantes".

Não compete ao PMDB, na sua opinião, pressionar o presidente da República para empreender reforma ministerial ou para indicar nomes no gabinete de Sarney. "Todo chefe de executivo que não tem independência para compor uma equipe jamais terá autoridade para comandá-la. É preciso que o presidente Sarney tenha total liberdade."

"O que compete, então, ao PMDB?", indaga Richa. Ele mesmo responde: elaborar propostas, formular planos e cobrar, do presidente, os resultados. "O partido cumpre um pouco das avessas essa tarefa", diz Richa, acrescentando

que se não existe um permanente canal de informações entre o PMDB e o Planalto não é por culpa do governo central.

Escassearam as reuniões, diz o senador. "O PMDB não se reuniu sequer para analisar os resultados de 15 de novembro, e sinto que o governo não é impermeável ao diálogo com o partido. Todas as vezes que se forma um grupo de parlamentares para visitar ministros, com vistas a ter informações da conjuntura, dos juros ou da agricultura, sempre encontra as portas abertas." Richa conclui assim que a obtenção de informações decorre mais do interesse e do voluntarismo dos pemedebistas do que de um trabalho organizado.

EXECUTIVA NACIONAL

Seria necessário, segundo ele, que fossem preenchidos os cargos da executiva nacional que ficarão vagos com a posse dos governadores do Rio Grande do Sul, Pedro Simon (primeiro vice-presidente), e de Pernambuco, Miguel Arraes (segundo vice). Ulysses Guimarães teria de se licenciar, voltando ao comando do PMDB quando for promulgada a nova Constituição do País. "O que se coloca não é encontrar alguém mais capaz do que o doutor Ulysses. É encontrar alguém mais dis-